

A PACOTILHA

SUI CUIDUB' TREBUERE.



CORTE

Um anno	148000
Seis meses	78000
Tres meses.	38500

N. 28.

A N N O I.

PROVINCIAS.

Um anno	148000
Seis meses	78000
Avulso	300 rs.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS.—ASSIGNA-SE Á RUA DO ROSARIO N. 116. SOBRADO.

• Furtado e o Vasques.

Artistas de merito, ei-a, o futuro é vosso ! Em quanto um mostra o *amor da arte*, o outro dá *gratia beneficio*. A elles, Srs. assignantes da *Pacotilha* !

1901
52



A RACOTELHA

NOVIDADES DA SEMANA.

Rio, 20 de Outubro de 1866.

Maldita hora em que nos fizerão chronista de semana! Fallar, dizer e inventar novidades, quando fusilão temores por sobre nós, quando corre por ahi que a guarda nacional vai para o Sul, para Pernambuco, é horrivel! A gente fica com seu medo; não porque tenha medo, mas porque os escrevinhadores não nascêrão para soldados.

A semana, pois, foi mesquinha em successos. Fallou-se, falla-se ainda e continua-se a fallar-se em politica, em cousas do Norte, em cousas do Sul, e no fim tanto dizem, tanto desencontrão-se que é tudo boato, pêta, mentira.

estreou no Gymnasio em o *Suppicio de uma mulher* a Sra. D. Rosina.

Artista de talento e de habilidade, a Sra. D. Rosina no papel de Mathilde esteve digna de elogio. O difícil combate do 2º acto, o desespero do 3º, em que mãe e esposa sente-se humilhada, forão habilmente interpretados.

Os Srs. Furtado e Pimentel tiverão uma noite feliz; a Sra. D. Julia, ironica, *coquette*, e ameigando os periodos, onde a maledicencia palpitava, esteve magnifica.

Além do *Suppicio*, houve o beneficio da Sra. D. Julia.

Artista sympathica, risonha, cheia de affagos, merecendo preito e homenagem de quantos gostão e estimão os bons artistas, a Sra. D. Julia no seu papel de Margarida Stramberg, tantas vezes victoriada, mereceu, colheu, atraíu a attenção, os aplausos de toda uma platéa inteligente.

E bem feito que o fez o publico! Bem feito sim, porque Julia Heller é um alfenim de talento e encanto!

Dá beneficio em a proxima semana o Vasques: dá um beneficio de graça; graça, mas é graça — chalaça, facecia, graciosidade, e não graça — *gratis, gratis*. O Vasques promete fazer rir a todos desde o lampeão até as travéssas, que, seja dito de passagem, hão de abundar neste dia, ou para fallar-se melhor nesta noite.

Continuão as representações dos *Quadros vivos*, e com variedade de spectaculo.

Nevos quadros têm sido trazidos à scena, e nélles a companhia romana tem-se mostrado credora de apreço.

Do beneficio do Sr. Luchessi daremos no outro numero uma noticia larga.

O Lyrico deu-nos os *Sete Infantes de Lara*. Agradou a representação; despertou mesmo recordações, saudades daquelles tempos, em que João Caetano, Florindo e Ludovina trazião suspensa dos labios uma platéa immensa e entusiasta.

Não diremos nem mais uma palavra. As modas, os colarinhos que as senhoras trazem como orelhas de elephante, os freios ao pescoço (note-se bem: *freios* ao pescoço), os arreios que pendem dos chapéos, as ferraduras de aço que adornão os collos, tudo isto prova que nos approximamos, isto é, que as mulheres vão approximando-se dos animaes. E' moda: melhor para elles!

Cousas celebres e celeberrimas.

E' uma historia de hontem.

Sendo o amor o sentimento por excellencia, tanto alenta, purifica e acrysola um espirito que concede-lhe mais ar e luz, mais loz e vida, mais vida e encanto para fugir e voar, para melhor levar-se nas azas da poesia. E como o favonio da madrugada a gemer por entre a laranjeira, e como o murmúrio do rio por entre o bosque, uma poesia que vem do céo accende no coração uma sensação tão harmonica como não ha na terra, como não sonha o mundo. Elevado o coração, inflamado o cerebro, a febre agita o espirito, o encanto prende-o, e preso e enlevado transpata-se, sonha, idealisa.

Foi assim que *Diamante* amava a bella *Opala*.

Diamante era um poeta: talento forte, coração sensivel, imaginação uberrima. Elle sonhava, e cada sonho era um prodigo; e elle escrevia, e cada escripto era opulento de pensamentos ricos, nobres, arrojados.

Opala era uma bella menina. As faces lembrão o jumbo, os labios nadão em puro coral, os seios trementes em anceios, palpitantes em volupia, arrastavão, prendião. *Diamante* via *Opala*, olhou-a mas foi com os olhos do coração, admirou-a mas foi com o espanto do espirito, e enlevando-se accendeu n'alma uma flama tão quente, tão iriante de luz qual não teve Romeo quando sonhou gentil *Julietta*. E do arroubo d'alma, do extasis do pensamento, quantas vezes não disse elle as palavras de *Thomaz Moore*:

« Si tu quizeres ser minha, os thesouros do ar, da terra e dos mares s'estenderão a teus pés. Tudo o que a imaginação nos mostra de mais radiante, tudo o que os doces sonhos promettem de mais delicioso, será de nossa partilha, si tu quizeres ser minha, ó meu amor. »

Pé de boi era um velho. Nicolão Tolentino o descreveu nesses versos :

Velho que attento namora,
Que arrasta calmas intensas
Por servir a quem adora
Que lhe cobra logo tenças
Que é comprador de senhora ;

Que é calado, que é polido,
Que tem um coração liso
• • • • • • • •

Pé de boi viu *Opala*, e com era feio e velho fallou-lhe em seu dinheiro, riquezas, fortunas, etc., etc. Um dia, tendo por acaso lido a *Ulyssea*, de Gabriel Pereira de Castro, encontrou essa oitava, que escreveu em papel almiscrado, assignou seu nome e mandou a *Opala* :

Quando no céo d'altiva fronte abria
Hum e outro sol na luz que derramava
O campo todo, todo o ar ardia,
Que a tudo dava ser, tudo animava,
A cada passo seu, um céo movia ;
A cada raio seu, hum sol mostrava,
A cada olhar abria um paraíso,
E hum coração seria a cada riso.

Opala leu a oitava, e mandou perguntar a *Pé de boi* a significação do enigma.

Pé de boi, satisfeito, toma a pena e escreve a seguinte carta, monumento de orthographia e de grammatica :

« Exma. Sínhora.

« Us verços q lh inviei cão offrecidos a sínhora. Eu amo munto a sínhora. Poríço cois vois a Deusa do meu coração. Aceite os verços por Que eu lh pessó. Caze-çe com eu e a sínhora corá feliz. eu Tenho munto Dinheiro, poço dar lh carro, carruaje, joia, triatro, cedas, tudu, tudu, quanto a sínhora quizé.

« Ceu a Fetusoso a Mante, Pé de boi. »

**

Entre uma carta tão especial e uma poesia de *Diamante*, em que este chorando dizia entre outras cousas

E não sabes, donzella, que das penas d'alma
Em ancias horridas, em gemidos fundos,
Choro e soluço, e soluçando morro ?

Opala viu-se em serios apuros. De um lado mancebo a quem amava, porém pobre; do outro lado *Pé de boi*, duro com seu nome, estúpido com a sua carta, porém rico, rico até à tolice, rico até à ignorância.

E mettão uma mulher em semelhantes assados. Ace nem-lhe ao coração e à mocidade, ao sentimento e à am-

bição, ao espirito e ao amor-próprio; acenem-lhe com a tranquillidade do lar, com o goso do amor sincero e leal e com o luxo, os bailes, os *soirées* e vereis para onde ella pende; acenem, acenem e verão. Meditem e lucrarão.

Opala foi um anjo. As mulheres nem sempre são como as pintou o cantor dos *Ciumes do bardo*: feras, mentidas e facinorosas.

Opala estendeu a mão a *Diamante* amoroso; de felicidade forão seus dias, e mil venturas os protejão! Quanto a *Pé de boi*, fulo de raivo, amarelo de colera, vermelho de ira, conservador, liberal e progressista em todas as escalas diatonica e chromatica, fez-se usurario, vingou-se nos outros do desprezo de *Opala*.

M. M-OR.

A visão.

— Quem és tu que perturbas meu placido socego ?
E a voz respondeu :—A virgem dos teus sonhos.
Hia a noite em rapido andamento, e o astro do dia veio preste dourar as verdes collinas.

Abri os olhos languidos à luz do dia, e fiquei meditativo muito tempo antes que me erguesse.

A brisa matutina, que passava rescente do halito das flores, trastejou por meus cabellos em desordem; e eu vi naquelle rescender de aromas o ambiente perfumado que Ella rastejara.

Será que a minha mente, escandecida com os sonhos da noite, embriagada nessa volupia que eu gosei dormindo, ainda tentava um esforço de retrocesso sobre os vestígios da illusão já hida ?

E eu meditei largo espaço antes de conseguir ser dominador dos meus pensamentos.

O dia adiantou-se, eu tomei o aspecto triste e melancólico, e fui para as escuras mattas que ficão d'alem da Ermita Santa.

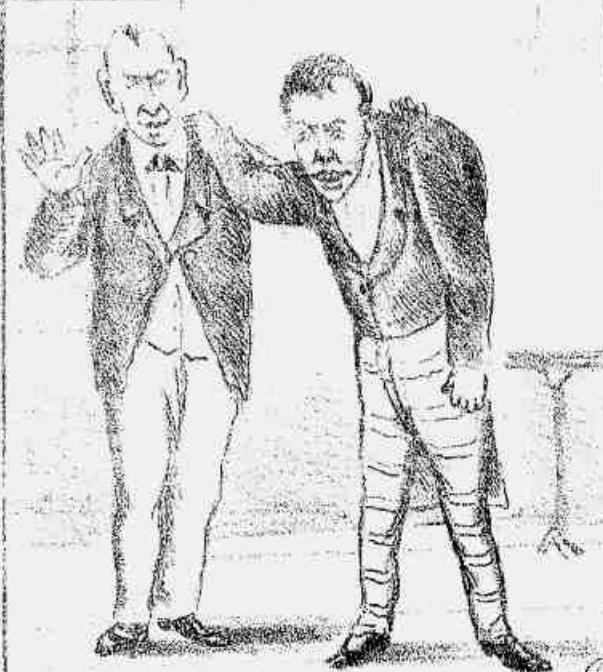
Absorto nos meus pezares e tristonhos pensamentos, caminhei ao longo da margem do rio e internei-me no bosque. A voz silenciosa do bosque é uma divindade tutelar de quem olvidára-se os Gentios; e sendo maviosa como o echo longíquo da flauta, é sem escusa o esquecimento da introdução no paganismo.

A tarde o sol descambou, escurecerão as serras com um vivo azul que em longe se veio debuxando.

Os sonhos nocturnos, semelhantes ás aves da solidão, voejárao em torno a meu cerebro escandecido, e sumirão-se.

A LUA.

Dias depois da visão, estava eu ainda pensando no meu rapido desaparecimento do povoado; parecia-me encanto ou sonho que estivesse tão longe, e que o pensamento actuasse com tanta força na reprodução della.



Laria

— Então, Castro Urso, o que dizes e pensas da época?

— Digo que digo, que diogo diz que diz que quem bem come a barriga enche

— Escreva lá: saudo-vos como o tronco de todos esses fructos.

— Troucos desses fructos é batata.

— Escreva que isto é coimbrão, é epicadio com brisa



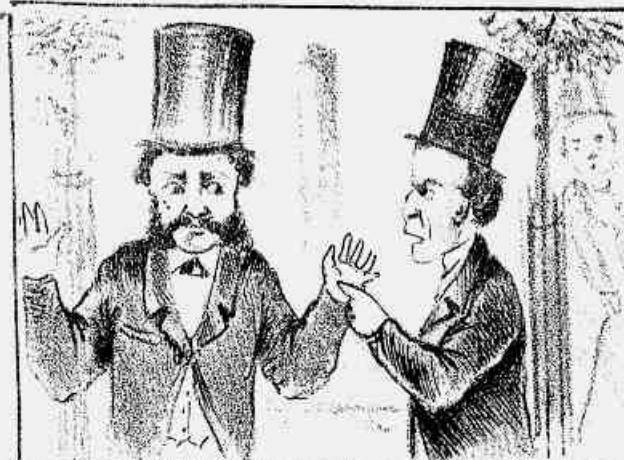
Laria

Uma deusa de balão.

Alegria nos labios, devassidão no peito e rão o prazer! Eis a autobiographia de uma *pieuvere*.

Cousas celebres e celeberrimas.

Uma menina entre um velho e um moço: estrela entre dois polos. (Vide o texto.)



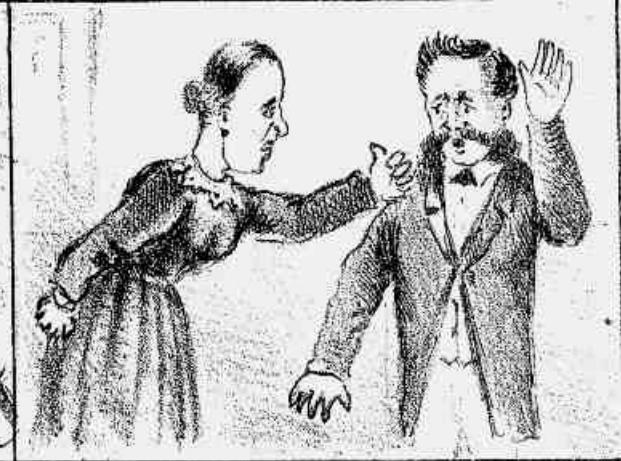
— Casaste sempre, pateta ?
— Já, não ha que saber.
— Se o casamento é a morte ?
Também amor é Viver



Como estais assim bonita,
Chara esposa, meu amor !
— Dá-lhe sempre disto, moço ?
Não me mais se faz favor



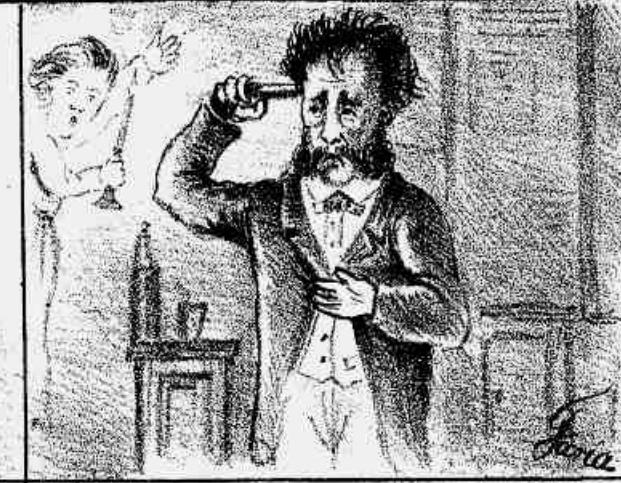
— Sou, amigo, um desgraçado,
— E eu um ente feliz
— Puffa estou deshonrado
— O senhor assim o quiz



— Se eu vi, moicher do inferno,
O teu amante sahir !
— Se não quer que assim me porte
Dê-me tudo que eu pedir



— Harpia, megera, fúria,
Foge do meu furor,
Heide matar-te, eu te juro,
Já não és mais meu amor.



A um casamento tão feio
Vou terminar com a morte,
Se mesmo for pra o inferno
Será melhor minha sorte.

Ella!... é a nota suave que eu escuto a todo o instante; aquella collina fronteira que se ergue e agrimpa magestosa, é Ella que foge para as nuvens, porque é exalação celeste e não pertence a esta área terrestre; aquelle ciciar da brisa, perfumada entre as folhas dos angaseiros, à margem do rio que alli corre silencioso é Ella, que diz segredos das fadas em uma linguagem desentendida dos mortaes.

A Lua, que lá foge occultando-se entre alsombras de nuvens, e dardejando os argenteos raios no lago movediço que alli contempro, é Ella ainda, que se despede negaceando das vistas dos humanos.

Visão tão aéria não pôde, ó mortaes, ser atingida por vossos fracos orgãos.

Eu, que semelhante ao antigo philosopho, estou continuamente forçando a razão para descobrir este mysterio, ainda agora é que vou levantando o véo que o esconde.

Ella em tudo!... no rumorejar das arvores, no trinar dos passarinhos, na penombra do firmamento estellifero, e no mesmo rodar silencioso desses astros que o céo povoão, mas Ella subjectivo, sem a percepção dos sentidos.

Assim é que eu defino as legiões angelicas, essas subtils creações da mente Divina, evaporando-se diante da nossa fraqueza racional que desconcebe o infinito.

Lá habita o Motor Supremo acima daquelles mundos de luz que se agitão no espaço; mas a sua sede verdadeira— o Poente será ou será o Nascente?

(Continua.)

Eseapei de ser cosido.

Queridos leitores.—Ha seguramente dez annos que não tenho a honra de brindar-vos com uma de minhas asneiras, materia em que eu levo a presumpção, a ponto de julgar-me sufficientemente habilitado.

E' por isso que pego na canéta (não escrevo com pena sem canéta, porque suja os dedos de tinta), e depois de respeitosa mesura, principio.

E esta! quem me mandou dizer — principio, se o que vou escrever não tem principio nem fim, pés nem cabeca? Nesse caso, não principio.

Hontem, pelas cinco horas da tarde, já cansado de trocar as pernas pela rua do Ouvidor, onde todos os dias me encontrarão de *chaspellinho* mais alto que a torre da Candelaria, bengalinha com castão de cobre dourado, o indispensavel *pince-nez* com vidros de vidraça, corrente de latão e seu relogio, e mirando-me de vez em quando com desvanecimento, como namorado de minha propria pessoa, encostei-me a um desses ferros de vidraça que servem de apara-couce, com todo o cuidado para não quebrar o vidro, porque não tinha na algibeira um ceitil para o pagar

se quebrasse; ahí permaneci longo tempo pensando.... pensando.... em que? Ah! pensando no recrutamento, quando vi approximar-se de mim uma encantadora joven mais bella que a rainha Trelegonda. Ia abrindo a boca para dizer-lhe uma de minhas graças sem graça, no momento em que ella, sacudindo da bolsa *uma agulha* (!!!) obrigou-me, de boca aberta, a fugir intrepidamente até à porta de Mr. Cassemajou, que ao ver-me espavorido disse-me: — *Vous avez peur de boi brabo, entrez. Non, mu-si-ú,* the respondi todo tremulo, é *uma boia* braba que me quer espetar com sua agulha.

Nada mais pude dizer, cahi redondamente sem sentidos.

Felizmente passava nessa occasião o meu imcomparavel amigo Dr. Chico Antonio, que chamou-me à vida borrfando-me o rosto com um peuco de vitriolo.

Apenas recobrei o uso da razão, pedi que me escondessem. Mr. Cassemajou, compadecido, metteu-me dentro de uma caixinha de pó de arroz. Mas julgue o leitor qual seria a sua admiração quando, d'ahi à meia hora, abriu a caixinha e achou-me reduzido a kerosene!

Espantado, julgando com razão ser feitiçaria, arremecou a caixinha na rua que se fez em mil pedaços, sahindo eu, tal qual era antes do desmaio, mas com um mèdo terrible das moças por causa das agulhas.

Tio Simplicio.

Um sonho.

Era noite!... Eu velava só envolto n'um turbilhão de mil pensares! Tudo era incertezas!

Uma chamma ardente escalda-me o peito! Pensava n'uma mulher a quem amo! Nessa mulher que fez-me pela primeira vez conhecer o que era amar! Porem que é rica e occupa uma alta posição na sociedade!....

Como amar a essa mulher! Não, eu não amo, porque sou um pobre mercenario que só vivo do trabalho!

Porem... não importa! O verdadeiro homem nunca desanina, trabalha até morrer! Até morrer elle busca alcançar a posse dessa chimera a que chamamos ouro... ouro... porque é só com o ouro que se obtém posições!

Além disso, quando não possa amal-a sobre a terra, quando o Creador chamar-me para dar-me o premio ou o castigo merecido, me unirà com essa por quem tanto padeço, porque no céo não ha posições!

Não faço caso, leitores, foi uma ligeira passagem da imaginação com o sopro da brisa, foi um sonho!

P. J. RIBEIRO.

Uma visão.

(DECOMPOSIÇÃO.)

Uma nuvem, gentil, matisada,
Vai à noite girando no céo ;
Essa nuvem, d'estrelas bordada,
Sobre a terra lancava seu véo.

Vi um bardo, que triste vagava,
Numa campa, co' a lyra na mão,
Murmurando, com voz que aterrava,
Esta lugubre e meiga canção :

- Tantas nuvens douradas no céo !
 - Tantos raios, de luz scintillante !
 - Não divaga entre elles o meo
 - Que aqui venho, debalde, constante !
 - Nem um só d'esperança eu achei !
 - Entre os goivos, na campa exilado !
 - Só encontro do bem que adorei
 - O seu nome na lousa traçado !
 - Entretanto aqui venho, chorando,
 - Alta noite seu nome invocar !
 - E nas cordas da lyra tocando
 - « Uma nenia lhe venho offertar !
 - Chamão isto constante adorar,
 - Mas eu chamo constante sofrer !
 - Se meu pranto continuo durar
 - Eu presro mil vezes morrer !
 - Tenho a mente por fóra gelada
 - E por dentro volcão a escaldar !
 - E' roupagem de neve abafada,
 - Oceano revolto a bramar !.
- Nessa nuvem gentil, matisada,
Desce um anjo à etéria mansão.
« E' ella ! por Deus foi mandada
Me valer nesta negra afflição !
- Lá fugiu essa nuvem, a visão,
• E não vai este meu padecer !
E o bardo, com a lyra na mão,
Proferia :—Mil vezes morrer !

Os seus écos ao longe vibrarão
Repetindo :—Mil vezes morrer !...
Sua voz e seus labios finarão
Nessa hora de horrivel sofrer !...

E o sol da manhã descortina
Esta seena que faz compungir !
Um cadaver co'a lyra na mão
Era o bardo p'ra sempre a dormir !

PEDRO JOSÉ RIBEIRO.

No album de G. Braga.

SONETO.

Pediste-me um versinho nesta folha,
Como pede um janota roupa nova,
Como chora um macaco por pacova,
Ou ministro finorio pela *rolha*.

Lutei, lutei, lutei co' a dura escolha
D'entre muitas da mais sincera prova,
Appliquei no meu *estro* grande sova,
Mas não pude *inflammal-o*, não fiz bolha !

Já vés que o que pediste não é pouco,
E que puzeste sem querer em grande aperto
A quem bem pobre é de idéas e de *céco*.

Quão custoso me sahe este soneto !
Se não dou n'esta *bola* um grande sóco,
Adeus, meu Braga, ficas sem soneto.

BENJAMIN LABOTTIÈRE.

Meu retrato.

OFFERECIDO AOS MEUS AMIGOS,

Sou alto e moreno, um tanto feio,
Magro, porém forte e mocetão ;
Sei dar meu cascudo ou pescocoão,
As vezes não almoço—janto e ceio.

Commigo muita gente vai no meio :
Uns me dizem ter muita presumpção,
E outros—que sou muito toleirão :
Porém, eu fico com isso muito cheio...

O nariz de batata, mal formado,
Olhos, boca grande—sou bregeiro ;
Tambem tenho meu tanto d'engraçado.

Sou de muitas meninas adorado ;
Ando quasi sempre sem dinheiro,
Sou viuvo, solteiro e sót casado.

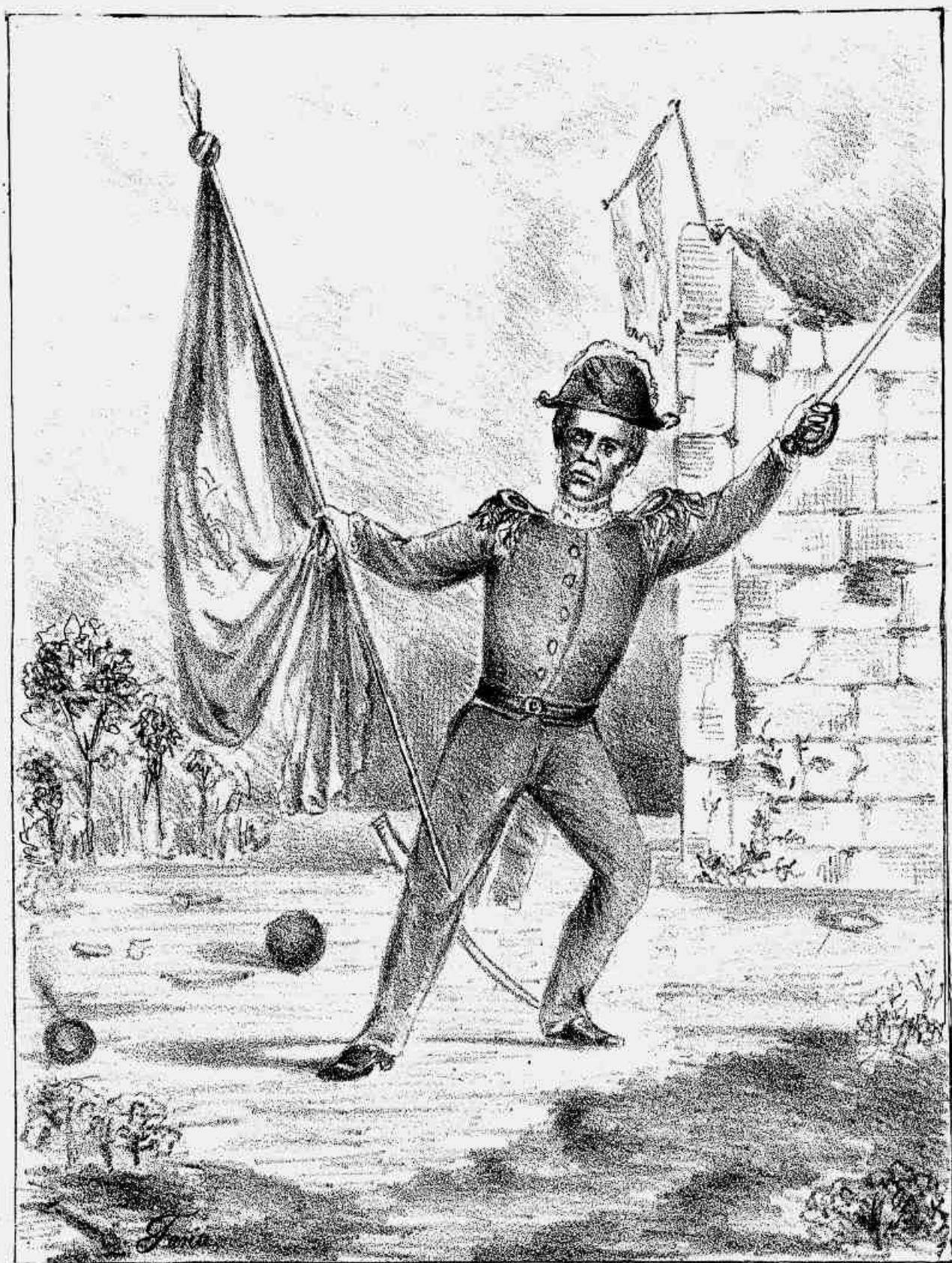
ORIEBIR.

Advinhação.

Nasci hoje e hoje morro,
Amanhã torno a nascer ;
P'ra dar vida à minha irmã
Me é preciso morrer.

A primeira charada do n. 27 exprime a palavra—*Pagadoria*, e a segunda—*Veado*.

Typographia e Lyt.—Economica—Rua de Gonçalves Dias n. 34.



Os nomes de prestigio e sympathia realizao as palavras de Pompeo: — Bato com o pé no solo e delle rebentão legiões invenciveis.

O Sr. Marquez de Caxias é garantia evidente de que hemos vencer nos plainos do Paraguay.